

UMA EXPERIÊNCIA DE POLÍTICA

Por que um homem tão mal preparado quanto eu para o jogo duro e sujo da política brasileira se lançou na aventura de ser pré-candidato a prefeito de São Paulo? Que revela minha experiência sobre as oportunidades e as dificuldades da ação política no Brasil? Acompanhe, leitor, as etapas de meu aprendizado.

Primeiro momento. Sinto-me frustrado com a dificuldade de ver discutida a alternativa democratizante e desenvolvimentista que venho há anos formulando junto com *Ciro Gomes*.

A preliminar desta proposta é a construção de um Estado que possa contar com quadros burocráticos de elite, com um alto nível de receita, garantido por tributos que incidam sobre o consumo e desonerem a produção, e com a poupança suficiente para nos libertar dos vetos do capital financeiro.

O rumo da alternativa é capacitar os brasileiros, criando um ensino que fortaleça a capacidade do aluno para analisar o existente e imaginar o possível. Democratizar o mercado, descentralizando, radicalmente, o acesso às oportunidades e aos recursos da produção. E aprofundar a democracia, introduzindo um regime de partidos fortes, de engajamento cívico mais amplo e fervoroso e de maior facilidade para a prática freqüente das reformas de fundo.

Este projeto reafirma os compromissos com a estabilidade monetária, o realismo fiscal e a abertura econômica. Reconcilia-os, entretanto, com uma forma de desenvolvimento que aproveite melhor a energia de todos.

É tudo de que o Brasil precisa. Enfrenta, porém, não só interesses poderosos mas também sentimentos paralisantes. Os brasileiros vivem oprimidos pela ansiedade econômica e deprimidos pela descrença a respeito da política. Entregaram-se à desilusão antes de haver conquistado a liberdade. Nosso projeto só falará ao povo brasileiro quando for traduzido em soluções práticas para os problemas do dia-a-dia nas grandes cidades.

Tenho, também, outra motivação. Se um governo *Ciro Gomes* tiver uma vertente mais conservadora, sustentada por boa parte da estrutura organizada do país, e uma vertente mais progressista, apoiada nas aspirações do eleitorado, nas intenções do presidente e nas convicções de meia dúzia de homens isolados, o desfecho estará decidido antes que as definições comecem. Daí a importância de ampliar, lá embaixo, bases de entendimento e apoio da nossa proposta.

Segundo momento. Constatado um grande vazio na pré-campanha em São Paulo. Reina a embromação.

Descubro que há saídas para São Paulo que conseguiriam mais resultados com menos recursos, melhorando, em pouco tempo, a vida de milhões de pessoas. A administração da escassez pela inteligência vira meu lema. E concluo que o setor prioritário é a educação: São Paulo pode iniciar uma revolução no conteúdo do ensino.

Duas diretrizes norteiam minhas propostas para São Paulo. A primeira diretriz é construir uma escola pública, uma saúde pública e um transporte coletivo que atraiam a classe média. Beneficiária do serviço, a classe média passará a ser fiadora e vigilante de sua qualidade, em proveito de todos. A segunda diretriz é fazer da prefeitura a parceira dos milhões de empreendedores emergentes que, com sua cultura de auto-ajuda, estão sacudindo a cidade. É o caminho do dinamismo econômico e da criação de empregos.

Terceiro momento. Começo a andar em São Paulo sete dias por semana, tanto nos bairros de classe média quanto na periferia pobre. Ouço, proponho e discuto. As reuniões, pequenas de início, vão aumentando de tamanho. Sem os meios de século vinte ou vinte e um – a mídia de massa, valho-me da técnica do século dezenove – as reuniões constantes. Espero acender uma centelha. A imprensa zomba de mim como de um Quixote.

Aparecem dezenas de voluntários para trabalhar comigo. Seu engajamento demonstra que o país se dividiu entre o salve-se-quem-puder e o idealismo inconformado.

Como furar, com tais meios e em pouco tempo, o bloqueio do desconhecimento? Sou, porém, recebido, calorosamente por uma população ansiosa por seriedade. Esta experiência destrói em mim os últimos resquícios do preconceito que os brasileiros de minha classe costumam ter sobre a disposição e a capacidade da massa operária para participar no encaminhamento de soluções aos problemas brasileiros.

Um homem sem charme num país de charmosos, um homem que acredita no futuro num país que acredita no presente, com poucos sorrisos e muito sotaque, sinto, da parte de meus interlocutores, nas casas e ruas de São Paulo, um enorme e inexplicável estímulo.

Quarto momento. Para dar realidade à minha pequena cruzada, tenho de atravessar o pântano partidário. Preciso formar um conjunto de filiados para ganhar a convenção do partido e de militantes para disputar a eleição. O método é simples. As lideranças comunitárias, sindicais e religiosas que se juntaram a mim convocam seus liderados para o partido e para a campanha! Promovo, com cada grupo, reuniões politizantes, sobre a cidade e o país. Participar destes encontros, que se estendem horas a fio, é o único atrativo que ofereço aos novos filiados.

Quinto momento. Os dirigentes nacionais e locais de meu partido entendem de maneira diferente. Tenho de aceitar o resultado que querem e impõem, por lealdade a nosso projeto maior.

Sexto momento. Começo a recolher as lições desta experiência, que me deixa resoluto e esperançoso.

Faltam no Brasil quase todos os instrumentos da ação pública: meios de chegar à maioria desinformada e discutir com ela o futuro de sua cidade e de seu país.

Entre as entidades que nos faltam estão partidos mais abertos ao conflito regrado. E mais capazes de recrutar, fora da classe política, uma militância comprometida com um caminho.

Ao desvendar obstáculos, descubro, porém, oportunidades. O país quer outra vida pública. Está disposto a extremos de paciência e generosidade na tentativa de encontrá-la.

A maior tragédia do Brasil é o sentimento da pequenez enrustido no coração brasileiro. Reconciliar os brasileiros com a idéia da grandeza – o engrandecimento da pessoa comum como promessa essencial da democracia, o engrandecimento do Brasil como nação rebelde – é a obra política mais importante a realizar entre nós.

Para que vingue esta campanha para estabelecer no Brasil a idéia da grandeza, não basta acordar os brasileiros para o imperativo da política. É preciso que muitos homens e mulheres saiam de seus cômodos e se exponham ao trauma e ao vexame. É preciso que compreendam que, para cada um de nós, a essência da sabedoria moral consiste em desproteger-se.

Sei o que devo fazer agora. Tentarei ajudar a qualificar o debate em São Paulo, marcando o contraste entre as soluções de que a cidade precisa e as evasivas que lhe são oferecidas pelos candidatos.

Persistirei, com meus companheiros, no trabalho de formação e conscientização de militantes partidários.

Trabalharei, fora do PPS, junto com pessoas de muitos lados da vida brasileira, para ajudar a fundar um movimento nacional pela reconstrução das nossas instituições. Apoiará a candidatura presidencial de Ciro Gomes. E se oferecerá como veículo aos milhões de brasileiros que aspiram a entrar na vida pública mas rejeitam os vínculos partidários.

Continuarei a desenvolver e discutir a proposta da alternativa nacional, agora bem mais confiante na possibilidade de desdobrá-la em soluções práticas para os problemas imediatos do brasileiro.

Depois de tanta luta em São Paulo e num momento de absurda alegria, vendo nossos quatro filhos pequenos dormindo, juntos, no chão de nossa casa, antevejo o Brasil restituído à posse de si mesmo: vasto, anárquico, tosco, inculto, quase cego, misteriosamente predestinado ao casamento da pujança com a ternura e, finalmente, pronto.